
QUAL AMAZÔNIA CABE EM UM CARTÃO-POSTAL? REPRESENTAÇÕES, IMAGINÁRIOS E REGIMES DE VISIBILIDADE DA AMAZÔNIA

***WHICH AMAZON FITS ON A POSTCARD? REPRESENTATIONS,
IMAGINARIES, AND REGIMES OF VISIBILITY OF THE AMAZON***

***¿QUÉ AMAZONÍA CABE EN UNA POSTAL? REPRESENTACIONES,
IMAGINARIOS Y REGÍMENES DE VISIBILIDAD DE LA AMAZONÍA***

Rodolfo Silva Marques

Universidade da Amazônia

Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

Universidade Federal do Pará

Resumo: O presente artigo analisa os cartões-postais como artefatos comunicacionais capazes de produzir, condensar e fazer circular determinadas imagens da Amazônia. Parte-se da compreensão de que essas imagens, embora relacionadas a paisagens, sujeitos e lugares efetivamente existentes, não constituem registros neutros ou totalizantes da realidade amazônica, pois resultam de processos de seleção, enquadramento e atribuição de sentidos. O estudo investiga quais Amazonas são privilegiadas nos cartões-postais, observando recorrências relacionadas à natureza, ao exotismo, ao patrimônio, à cultura e ao turismo, bem como as ausências produzidas por esses regimes de visibilidade. Metodologicamente, adotam-se uma revisão de literatura e a análise imagética de seis cartões-postais de cidades da Amazônia. Busca-se compreender em que medida essas representações reproduzem imaginários historicamente construídos sobre a região ou contribuem para sua pluralização. Sustenta-se que o postal apresenta uma Amazônia real, porém parcial e recortada, convertendo experiências particulares em signos de uma totalidade regional. Ao problematizar o que é mostrado e o que permanece fora do enquadramento, o artigo discute as disputas de representação e os desafios para pensar a Amazônia a partir de suas próprias narrativas, experiências e formas de autorrepresentação.

Palavras-chave: cartões-postais; representação; Amazônia; imaginários; regimes de visibilidade.

Abstract: This article analyzes postcards as communicational artifacts capable of producing, condensing, and circulating specific images of the Amazon. It starts from the understanding that these images, although related to landscapes, subjects, and places that actually exist, do not constitute neutral or totalizing records of Amazonian reality, as they result from processes of selection, framing, and attribution of meaning. The study investigates which Amazonian perspectives are privileged in postcards, observing recurrences related to nature, exoticism, heritage, culture, and tourism, as well as the absences produced by these regimes of visibility. Methodologically, a literature review and image analysis of six postcards from Amazonian cities are adopted. The aim is to understand to what extent these representations reproduce historically constructed imaginaries about the region or contribute to its pluralization. It argues that the postcard presents a real, but

partial and fragmented, Amazon, converting particular experiences into signs of a regional totality. By problematizing what is shown and what remains outside the frame, this article discusses the disputes over representation and the challenges of thinking about the Amazon from its own narratives, experiences, and forms of self-representation.

Keywords: postcards; representation; Amazon; imaginaries; regimes of visibility.

Resumen: El presente artículo analiza las postales como artefactos comunicacionales capaces de producir, condensar y hacer circular determinadas imágenes de la Amazonía. Se parte de la comprensión de que estas imágenes, aunque relacionadas con paisajes, sujetos y lugares efectivamente existentes, no constituyen registros neutrales ni totalizantes de la realidad amazónica, pues son resultado de procesos de selección, encuadre y atribución de sentidos. El estudio investiga qué Amazonías son privilegiadas en las postales, observando recurrencias relacionadas con la naturaleza, el exotismo, el patrimonio, la cultura y el turismo, así como las ausencias producidas por estos regímenes de visibilidad. Metodológicamente, se adoptan una revisión bibliográfica y el análisis de imágenes de seis postales de ciudades de la Amazonía. Se busca comprender en qué medida estas representaciones reproducen imaginarios históricamente contruidos sobre la región o contribuyen a su pluralización. Se sostiene que la postal presenta una Amazonía real, pero parcial y recortada, convirtiendo experiencias particulares en signos de una totalidad regional. Al problematizar lo que se muestra y lo que permanece fuera del encuadre, el artículo analiza las disputas por la representación y los desafíos de pensar la Amazonía a partir de sus propias narrativas, experiencias y formas de autorrepresentación.

Palabras clave: postales; representación; Amazonía; imaginarios; regímenes de visibilidad.

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia se constitui, historicamente, como um território simultaneamente vivido, disputado e imaginado. Para além de uma extensa porção territorial marcada por diversidade ambiental, social e cultural, a região tem sido objeto de múltiplos olhares, discursos e narrativas que procuram defini-la e atribuir-lhe sentidos. Ao longo do tempo, diferentes representações construíram imagens associadas à exuberância da natureza, à imensidão dos rios e da floresta, ao exotismo de seus povos e culturas, à ideia de território desconhecido e, mais recentemente, à condição de espaço estratégico para os debates ambiental e climático. Essas imagens, entretanto, não abarcam a complexidade das experiências que constituem as diferentes Amazônias.

A construção dessas representações se relaciona a processos históricos nos quais a região foi frequentemente narrada a partir de perspectivas externas. Relatos de viajantes, registros científicos, produções literárias, fotografias e outros produtos culturais contribuíram para consolidar determinados imaginários sobre a Amazônia. Nesse processo, a região foi muitas vezes transformada em objeto de observação e

interpretação, enquanto seus habitantes permaneceram em posições secundárias na produção de suas próprias imagens e narrativas. A Amazônia passou, assim, a ser reconhecida, também pelas imagens que sobre ela foram produzidas, selecionadas, reproduzidas e colocadas em circulação (Loureiro, 2009).

É nesse campo de disputas simbólicas que se insere o cartão-postal. Como artefato comunicacional, cultural e de memória (Le Goff, 1990), o postal registra fotograficamente determinado lugar, ao mesmo tempo que seleciona uma paisagem, um monumento, um sujeito, uma prática cultural ou um acontecimento para circulação. Ao fazê-lo, estabelece uma operação de recorte e enquadramento: entre inúmeras possibilidades de representação, determinadas cenas são escolhidas para sintetizar visualmente uma cidade, um território ou uma região. O cartão-postal pode, portanto, ser compreendido como uma forma de narrativa imagética, na qual elementos particulares assumem significados que ultrapassam o próprio espaço representado (Corazza, 2015).

No caso amazônico, essa operação assume particular relevância. Quando uma paisagem, manifestação cultural, mercado, rio, floresta ou grupo social é apresentado em um cartão-postal como representação da Amazônia, estabelece-se uma relação entre o fragmento visual e a ideia de totalidade regional. Uma imagem particular passa a funcionar como signo de uma Amazônia mais ampla, complexa e heterogênea. O postal apresenta algo que existe, além de construir uma determinada maneira de olhar para aquilo que existe. A questão consiste, pois, em compreender qual realidade amazônica foi selecionada para se tornar imagem da Amazônia (Gondim, 1994).

É a partir dessa problemática que este artigo formula sua questão central: que imagem de Amazônia é construída pelos cartões-postais e em que medida essa representação corresponde à pluralidade das Amazônias vividas ou contribui para estabilizar uma Amazônia imaginada, turística, exótica ou estereotipada?

Parte-se do pressuposto de que toda representação envolve escolhas, enquadramentos e atribuição de sentidos. Assim, mesmo quando o cartão-postal apresenta uma paisagem ou acontecimento existente, a imagem não corresponde à totalidade da experiência amazônica, mas a uma realidade recortada, organizada e transformada em narrativa visual.

A hipótese é que os cartões-postais documentam paisagens e práticas sociais e, simultaneamente, participam da construção de regimes de visibilidade sobre a região. Ao privilegiar imagens associadas à natureza exuberante, ao exotismo, ao patrimônio, à cultura, à monumentalidade e ao turismo, esses artefatos podem consolidar uma imagem-síntese da Amazônia.

O objetivo geral é analisar quais imagens de Amazônia são produzidas e colocadas em circulação pelos cartões-postais, investigando em que medida contribuem para construir uma Amazônia imaginada, turística e estereotipada ou expressam dimensões plurais da experiência regional.

Para alcançar tal objetivo, desenvolve-se pesquisa qualitativa e interpretativa, com revisão de literatura e análise de imagens. O *corpus* reúne seis cartões-postais da Amazônia, selecionados por sua pertinência ao problema e capacidade de representar paisagens, sujeitos, práticas culturais e patrimônios. A análise considera elementos visíveis e ausentes, observando processos de seleção, hierarquização e significação que transformam fragmentos da experiência amazônica em representações da totalidade regional.

Além desta introdução, o artigo está organizado em seis seções. A segunda apresenta o desenho da pesquisa, o *corpus* e as categorias analíticas. A terceira aborda o cartão-postal como artefato comunicacional, articulando imagem, memória, consumo e representação. A quarta discute a Amazônia entre território vivido e imaginado. A quinta e a sexta desenvolvem a análise das representações e ausências. Por fim, as considerações finais retomam os resultados e refletem sobre disputas simbólicas, regimes de visibilidade e autorrepresentação.

2 DESENHO DE PESQUISA

A pesquisa possui natureza qualitativa e interpretativa, fundamentando-se em revisão de literatura (Lycarião; Roque; Costa, 2023) e análise de imagens (Joly, 2023). Embora dialogue com as contribuições metodológicas de Joly (2023), a análise desenvolvida se concentra, sobretudo, na interpretação temática e de conteúdo dos

cartões-postais, considerando os sentidos produzidos pelos elementos visuais recorrentes e pelas escolhas de representação.

Parte-se da premissa de que toda imagem resulta de operações de seleção, enquadramento e atribuição de sentidos. Assim, sua interpretação considera tanto os elementos efetivamente representados quanto as ausências e os silenciamentos que delimitam o campo visual. A análise temática permite, desse modo, identificar recorrências, categorias de representação e formas de construção simbólica da Amazônia, articulando o conteúdo manifesto das imagens aos contextos sociais, históricos e comunicacionais nos quais foram produzidas e circularam.

O *corpus* é constituído por seis cartões-postais de paisagens da Amazônia, selecionados pelos autores em razão de sua pertinência ao problema de pesquisa e da recorrência de determinados motivos visuais. Trata-se de um *corpus* de caráter diacrônico, composto por exemplares que abrangem diferentes temporalidades e contextos de produção e circulação, permitindo observar permanências, transformações e deslocamentos nas formas de representação do território amazônico. Essa perspectiva possibilita compreender o cartão-postal tanto como dispositivo de resgate e atualização de imaginários historicamente construídos, incluindo representações associadas aos anos 1990, quanto em sua inserção em contextos institucionais e comunicacionais contemporâneos, como o da COP30 em Belém.

Para orientar a interpretação, são definidas quatro categorias: Amazônia-naturalizada, Amazônia-exótica, Amazônia-monumental/turística e Amazônia-ausente. Elas não constituem compartimentos rígidos ou excludentes, pois um mesmo cartão-postal pode articular diferentes dimensões. Assim, as categorias funcionam como instrumentos analíticos destinados a identificar distintas camadas de significação, evidenciando como paisagens, sujeitos, patrimônios e ausências participam da construção visual da Amazônia.

Quadro 1 – Categorias de análise dos cartões-postais

Categoria	O que reúne	Foco da análise	Sentidos possíveis
Amazônia-naturalizada	Floresta, rios, fauna, flora e paisagens naturais.	Observar como elementos naturais são transformados em	Exuberância, grandiosidade, preservação,

Categoria	O que reúne	Foco da análise	Sentidos possíveis
		signos capazes de sintetizar a Amazônia.	singularidade e natureza como identidade regional.
Amazônia-exótica	Povos, costumes, corpos, trajes, manifestações culturais e formas de alteridade.	Analisar quem aparece, como os sujeitos são construídos visualmente e quais características são enfatizadas.	Diferença, tradição, autenticidade, alteridade e exotismo.
Amazônia-monumental/turística	Cidades, patrimônios, monumentos, mercados, edificações, paisagens urbanas e atrações turísticas.	Identificar espaços selecionados como símbolos e compreender sua função na construção da identidade regional.	Monumentalidade, patrimônio, turismo, identidade urbana e representação metonímica da região.
Amazônia-ausente	Aquilo que não aparece ou é marginalizado nos enquadramentos dos cartões-postais.	Analisar ausências, invisibilidades e aspectos sistematicamente excluídos das representações.	Limites do regime de representação, silenciamento, marginalização e disputas de visibilidade.

Fonte: autoria própria, a partir da base conceitual de análise imagética de Joly (2023)

A partir dessas categorias, a análise considera simultaneamente presenças e ausências. Essa abordagem possibilita estabelecer uma aproximação entre os cartões-postais e as formas contemporâneas de produção e circulação de imagens digitais.

3 CARTÃO-POSTAL: IMAGEM, REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E CONSUMO

O cartão-postal pode ser compreendido como artefato comunicacional situado entre imagem, memória, consumo e representação. Mais que reproduzir fotograficamente determinado lugar, constitui uma mídia que participa da produção, circulação e estabilização de sentidos sobre espaços, sujeitos e experiências. Sua função ultrapassa a transmissão de mensagens entre remetente e destinatário. Ao representar cidades, paisagens, monumentos ou manifestações culturais, o postal contribui para definir quais elementos de um lugar são reconhecidos como significativos e considerados dignos de representação visual.

A produção de um cartão-postal envolve seleção e enquadramento: diante da multiplicidade de elementos de uma cidade ou região, algumas paisagens são privilegiadas, enquanto outras permanecem invisibilizadas. Assim, a imagem constitui um fragmento selecionado e investido de significados que, ao circular, ultrapassa sua dimensão documental e adquire valor simbólico (Daltozo, 2006).

Essa perspectiva aproxima o cartão-postal das reflexões de Kossoy (2001) sobre a fotografia enquanto documento e representação. Para Kossoy (2001), a fotografia constitui um fragmento da realidade, resultante de um registro situado no tempo e no espaço. No caso do postal, essa dimensão evidencia que a imagem não reproduz o lugar em sua totalidade, mas apresenta uma realidade visualmente construída a partir de escolhas que orientam sua produção e circulação.

Essa característica torna o cartão-postal relevante para compreender a construção de imaginários geográficos e como objeto de memória. Uma paisagem pode converter-se em síntese visual do território, enquanto sua materialidade preserva e transporta imagens, articulando espaço, tempo e lembrança. Enviado, recebido ou colecionado, o postal registra viagens, vínculos afetivos e experiências, mantendo como referência visual aquilo que foi fotografado, mesmo diante das transformações do lugar representado.

Essa dimensão temporal da fotografia aproxima-se da reflexão de Barthes (2006) sobre a relação entre imagem, passado e realidade. Para Barthes (2006), a fotografia remete à existência concreta daquilo que esteve diante da câmera. No cartão-postal, essa característica permite não apenas representar um lugar, mas preservar visualmente determinada configuração espacial, posteriormente retomada, lembrada e reinterpretada.

Essa dimensão relaciona-se diretamente ao consumo simbólico. O cartão-postal integra circuitos turísticos nos quais lugares são transformados em experiências visuais e objetos de lembrança. Comprar ou enviar um postal significa consumir uma imagem do destino e comunicar essa experiência a outras pessoas. O lugar turístico torna-se, assim, espaço de visitação, imagem, signo e mercadoria cultural. Na Amazônia, determinadas representações podem reforçar associações com natureza exuberante,

exotismo e aventura, convertendo características específicas em atributos capazes de sintetizar uma experiência turística regional (Marques; Santos, 2025).

Entretanto, compreender o postal como objeto de consumo não significa reduzir sua importância à lógica mercadológica. Seu valor está, também, na capacidade de articular diferentes dimensões da experiência social. A imagem consumida pode tornar-se lembrança, elemento de identificação, registro histórico e instrumento de construção de pertencimentos. Por isso, o cartão-postal ocupa uma posição singular na cultura visual: é simultaneamente produto, mensagem, memória e representação.

Essa perspectiva ganha novos contornos diante da transformação das práticas de produção e circulação de imagens provocada pelas tecnologias digitais. A fotografia turística, antes materializada em postais e posteriormente compartilhada por meios impressos, passou a circular instantaneamente por redes sociais, plataformas digitais e dispositivos móveis.

Assim, enquanto o postal tradicional privilegia imagens previamente selecionadas e institucionalizadas, a fotografia digital amplia a autorrepresentação e a participação dos sujeitos na produção visual. Em ambos os casos, a representação resulta de escolhas e enquadramentos. No contexto amazônico, compreender os cartões-postais exige analisar o que eles mostram e os sentidos atribuídos aos lugares, os imaginários preservados e as experiências excluídas de seus limites visuais (Marques; Santos, 2025).

4 A AMAZÔNIA ENTRE O TERRITÓRIO VIVIDO E O TERRITÓRIO IMAGINADO

Pensar a Amazônia implica reconhecer a tensão entre a região como território vivido e como objeto de representação. Realidade histórica, social, política e cultural, constitui-se por diferentes sujeitos, experiências, temporalidades e territorialidades (Becker, 2005). Simultaneamente, é uma construção simbólica produzida por discursos, imagens e narrativas. Entre a Amazônia vivenciada por seus habitantes e aquela representada por diferentes olhares, estabelecem-se disputas pela definição dos sentidos atribuídos à região.

A distinção é importante porque “Amazônia” frequentemente opera como se designasse uma realidade homogênea (Amaral Filho, 2016). O termo reúne territórios,

cidades, comunidades, povos, trabalhadores, instituições e diferentes formas de relação com a natureza. A unidade nominal, porém, não elimina essa diversidade. Ao contrário, pode ocultá-la quando uma imagem ou narrativa passa a representar uma totalidade muito mais complexa que o signo utilizado para a sintetizar.

A constituição histórica da ideia de Amazônia relaciona-se a processos de nomeação, interpretação e representação. Conforme Gondim (1994), viajantes, cronistas e missionários contribuíram, por meio de relatos e descrições, para a construção de um imaginário sobre a região. Posteriormente, narrativas científicas, literárias e artísticas ampliaram e ressignificaram essas representações, consolidando diferentes formas de compreender o espaço amazônico. A Amazônia foi, assim, progressivamente convertida em objeto de observação, descrição e interpretação. Em muitos desses processos, a experiência daqueles que habitavam o território ocupou posição secundária diante do olhar externo que pretendia explicar, classificar ou traduzir a região.

Essa dimensão histórica explica a força de determinadas imagens da Amazônia, como floresta, rios, fauna, povos indígenas e a ideia de território remoto. Mais recentemente, desmatamento, crise climática, biodiversidade e conflitos territoriais passaram a integrar esse repertório. Embora distintas, essas representações selecionam aspectos da realidade amazônica e lhes atribuem capacidade de sintetizar uma região ampla e diversa (Gondim, 1994).

Da mesma forma, uma narrativa sobre a Amazônia não precisa inventar seus elementos para produzir um determinado imaginário. Ela pode partir de aspectos efetivamente existentes e, ainda assim, construir uma visão parcial da região. O problema analítico, portanto, não está necessariamente na correspondência entre representação e realidade, mas nas condições pelas quais determinados fragmentos da realidade adquirem visibilidade e passam a ser reconhecidos como representativos de uma totalidade.

Nesse contexto, a noção de imaginário torna-se fundamental. Os imaginários sociais constituem conjuntos de significações compartilhadas que orientam formas de perceber, interpretar e atribuir sentido ao mundo (Sá, 2000). Assim, imagens reiteradamente associadas à Amazônia ultrapassam representações particulares e

integram um repertório coletivo sobre a região. Rio, floresta, indígena, mercado, manifestação cultural e monumento deixam de ser elementos isolados e passam a funcionar como signos de uma ideia mais ampla e compartilhada de Amazônia.

A repetição constante de um repertório visual restrito naturaliza a associação entre certas imagens e a identidade amazônica. A reiteração desses signos constrói uma sensação de familiaridade que molda a percepção da realidade local. Como resultado, manifestações que fogem a esse padrão estereotipado deixam de ser prontamente reconhecidas como autênticas, embora integrem o cotidiano de quem habita a região

4.1 AMAZÔNIA: TERRITÓRIO, REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO

A compreensão da Amazônia como território exige superar uma perspectiva exclusivamente físico-geográfica. O território resulta de relações sociais, disputas políticas, práticas culturais e apropriações simbólicas. É vivido e significado por sujeitos que estabelecem diferentes relações com os lugares. Nesse sentido, não existe uma única experiência amazônica, mas múltiplas formas de viver e significar os territórios da região (Becker, 2005; Loureiro, 2009).

A pluralidade é particularmente relevante quando se considera a dimensão urbana da Amazônia. Durante muito tempo, representações dominantes associaram a região principalmente à floresta, aos rios e às populações tradicionais, relegando a segundo plano centros urbanos, periferias, universidades, espaços culturais e atividades econômicas diversificadas.

A representação da Amazônia encontra-se atravessada por uma tensão entre particularidade e totalidade (Amaral Filho, 2016). Um lugar é particular: uma praça, um mercado, um rio, uma floresta ou uma comunidade. Quando representado como “Amazônia”, entretanto, passa a assumir função metonímica. O fragmento passa a significar o conjunto. É nessa passagem que uma imagem local adquire dimensão regional.

O cartão-postal constitui exemplo dessa operação. A fotografia de determinado espaço amazônico registra um referente concreto, situado histórica e geograficamente. Entretanto, quando selecionada para integrar um cartão-postal, deixa de funcionar apenas como registro daquele espaço. O postal passa a circular como mensagem sobre

o lugar e, em determinadas circunstâncias, sobre a própria Amazônia. A imagem condensa significados territoriais, culturais e turísticos (Marques; Santos, 2024).

A questão torna-se mais complexa com a repetição de escolhas. Se diferentes cartões-postais apresentam reiteradamente rios, florestas, monumentos, mercados, manifestações culturais ou determinados sujeitos como imagens da Amazônia, essas recorrências contribuem para estabilizar um repertório visual regional. A repetição significa que determinados elementos recebem maior capacidade de representar a região do que outros (Marques; Santos, 2025).

A representação funciona por meio de processos de seleção e hierarquização. Mostrar implica também não mostrar. Escolher uma paisagem significa deixar outras fora do quadro; privilegiar um monumento implica relegar outros lugares à invisibilidade; destacar uma manifestação cultural produz determinada percepção da cultura regional; representar uma população a partir de características específicas pode reforçar formas de alteridade. A análise precisa considerar o visível e o ausente.

O imaginário amazônico não se esgota em uma única imagem, mas se consolida por meio de representações recorrentes que criam signos estáveis para a região. Conforme destacam Marques e Santos (2024), a análise crítica não busca descartar tais construções, mas compreender seu papel em um sistema complexo onde uma única imagem atua de forma documental, estética e comercial, oferecendo um registro real que, simultaneamente, integra uma visão parcial do território.

É nesse sentido que a noção de “Amazônias” ganha relevância. Falar em plural não significa negar elementos compartilhados ou identidades regionais, mas reconhecer que a experiência amazônica é constituída por múltiplas territorialidades e perspectivas. Há Amazônias urbanas e rurais, indígenas e não indígenas, metropolitanas e ribeirinhas, patrimoniais e periféricas, turísticas e cotidianas, naturais e tecnológicas. Essas dimensões coexistem em um território que não pode ser reduzido a uma única narrativa visual.

4.2 QUEM FALA PELA AMAZÔNIA?

A disputa pela autoridade narrativa reflete a ideia do exercício do poder discursivo: a capacidade de determinados grupos hegemônicos de produzir e fazer

circular as representações que definem o “outro”, um processo historicamente marcado, no contexto amazônico, pelo protagonismo de olhares e discursos externos (Spivak, 2010; Hall, 20156).

Durante diferentes períodos, viajantes, pesquisadores, agentes do Estado, empresas, meios de comunicação e produtores culturais construíram representações sobre a Amazônia. A região tornou-se objeto de conhecimento, contemplação, exploração, preservação ou consumo simbólico. Mais que opor sujeitos “de fora” e “de dentro”, importa compreender as relações de poder que definem quais perspectivas ganham circulação e legitimidade. A colonialidade opera pela naturalização de determinados olhares, fazendo com que representações recorrentes deixem de ser percebidas como perspectivas particulares.

Nesse contexto, a representação pode ser compreendida como campo de disputa. Não basta perguntar o que uma imagem mostra; é necessário perguntar quem a produz, para quem, em que contexto circula e quais sentidos são privilegiados.

A colonialidade da representação perpétua estruturas que associam a Amazônia ao exotismo, à natureza intocada e ao atraso, naturalizando um olhar específico como objetividade. Como sustentam Quijano (2005) e Mignolo (2007) ao discutirem a colonialidade do poder e do saber, a dominação persiste pela reprodução contínua de padrões de classificação que operam de forma sutil e acrítica, transformando construções discursivas históricas e parciais em descrições tomadas como neutras e universais da realidade.

A questão da autoridade narrativa torna-se central: quem pode falar pela Amazônia? Mais precisamente, quem pode produzir as imagens reconhecidas como imagens da Amazônia? A pergunta não implica defender que apenas seus habitantes possam representar os territórios. O problema surge quando determinados olhares monopolizam a capacidade de definir quais experiências devem ser reconhecidas como representativas.

A diferença entre falar sobre a Amazônia e falar a partir da Amazônia é significativa. A primeira posição pode transformar a região em objeto de observação; a segunda enfatiza a experiência situada dos sujeitos que vivem os territórios e participam de sua produção simbólica.

Essa discussão é particularmente produtiva quando aplicada aos cartões-postais. A escolha de determinada imagem para circular como representação turística ou cultural envolve uma cadeia de decisões: quem fotografa, encomenda, edita, comercializa, compra e recebe. Ele participa de um circuito no qual determinadas imagens são legitimadas como dignas de serem vistas, lembradas e compartilhadas.

É nesse circuito que o cartão-postal pode contribuir para a estabilização de regimes de visibilidade. Alguns lugares são transformados em ícones; determinados sujeitos, em representações de uma cultura; determinadas paisagens, em essência regional (Daltozo, 2006). Outros lugares, sujeitos e experiências permanecem fora do enquadramento. O silêncio visual não significa inexistência, mas ausência de reconhecimento dentro daquele regime de representação.

Por isso, analisar cartões-postais da Amazônia exige observar presença e ausência. O desafio consiste em reconhecer que nenhuma imagem representa sozinha a complexidade amazônica. Toda representação é situada, parcial e atravessada por escolhas. O problema está em compreender os efeitos produzidos quando determinados fragmentos são reiteradamente apresentados como sínteses de uma totalidade.

Nesse sentido, o cartão-postal constitui objeto privilegiado para investigar a relação entre território vivido, território imaginado e regimes de visibilidade (Marques; Santos, 2024). Ele participa de sua transformação em símbolos e mostra uma Amazônia que existe, mas ajuda a definir quais aspectos dessa existência serão lembrados, consumidos e reconhecidos. A questão central deixa de ser se a imagem postal corresponde à realidade e passa a ser qual realidade amazônica foi escolhida para se tornar imagem da Amazônia.

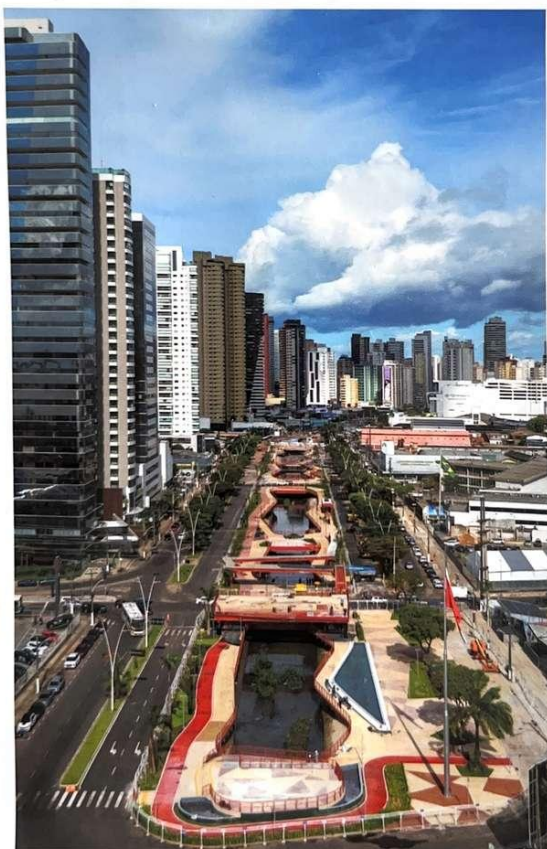
5 ANÁLISE IMAGÉTICA

Selecionamos seis cartões-postais, sendo dois de Belém-PA, um de Santarém-PA, um de Manaus-AM, um de Macapá-AP e um de Porto Velho-RO, que dão suporte para a discussão aqui proposta, a partir da categorização definida na seção 2.

Durante a COP30, em 2025, realizada em Belém, a Itaipu Binacional promoveu uma ação gratuita na Zona Verde, em parceria com os Correios. Os visitantes puderam

escolher e enviar cartões-postais com fotografias exclusivas de pontos turísticos e projetos da capital paraense para qualquer lugar do mundo, acompanhados de selos comemorativos especiais. A imagem 1 reproduz o Parque Linear da Doca. A imagem 2, uma comunidade ribeirinha no entorno da capital paraense.

Imagem 1 – Parque Linear da Doca - Belém-Pará

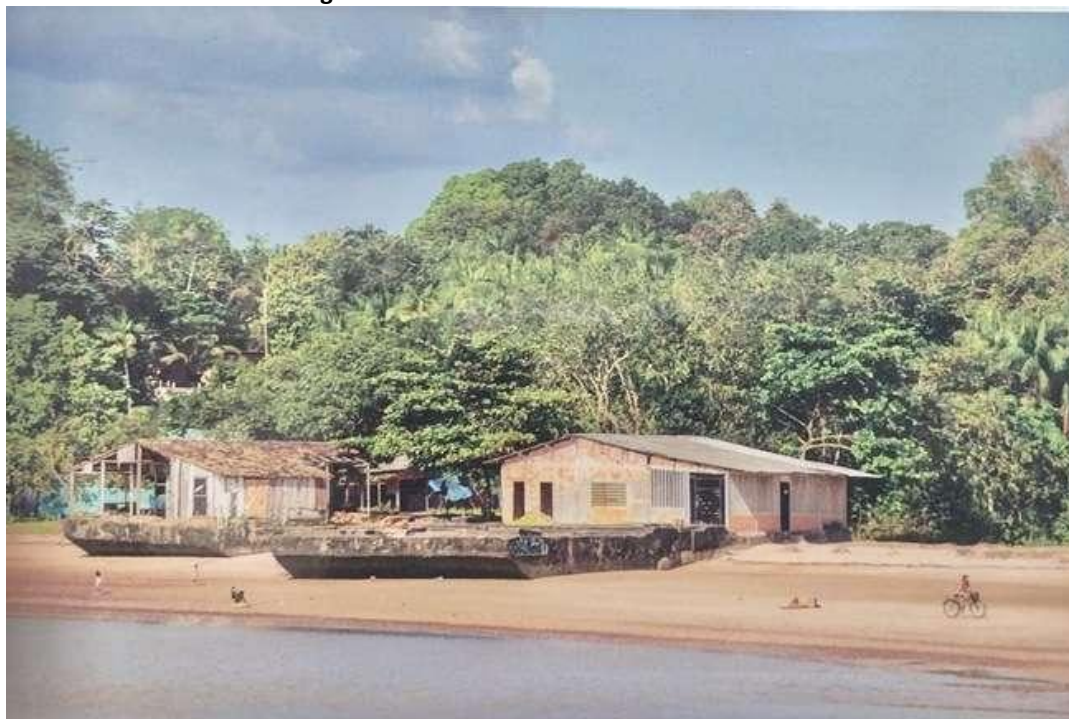


Fonte: Sierich, Kiko / Itaipu Parquetec (2025) - Reprodução

A imagem 1 evidencia uma paisagem urbana marcada pela arquitetura, pela organização do espaço público e por equipamentos associados ao lazer e à revitalização urbana. Predomina a categoria Amazônia-monumental/turística, ao converter a Doca em atração e símbolo de Belém, articulando urbanidade, lazer e consumo turístico. A Amazônia-naturalizada também se manifesta pela presença de elementos vegetais e paisagísticos. A representação amplia o repertório tradicional sobre a região ao apresentar uma Amazônia urbana e contemporânea, associada à valorização do espaço público. Entretanto, a Amazônia-ausente emerge nas dimensões excluídas do

enquadramento: periferias, desigualdades, conflitos urbanos, precariedades e experiências cotidianas permanecem invisíveis. O postal apresenta, assim, uma Amazônia urbana concreta, mas seletivamente enquadrada a partir de uma paisagem valorizada e potencialmente consumível.

Imagem 2 – Comunidade ribeirinha - Belém-Pará



Fonte: Sierich, Kiko / Itaipu Parquetec (2025) - Reprodução

A imagem 2 representa uma comunidade ribeirinha no entorno de Belém, deslocando o foco da monumentalidade urbana para formas de ocupação e relação cotidiana com o território. Vegetação, água, moradias e estruturas da vida ribeirinha articulam as categorias Amazônia-naturalizada e Amazônia-monumental/turística, esta última ao transformar o modo de vida em elemento representativo e potencialmente turístico. A paisagem natural aparece associada a sujeitos e práticas sociais, evidenciando uma Amazônia vivida, e não apenas contemplada. A categoria Amazônia-exótica também se manifesta quando a comunidade é apresentada como expressão de um modo de vida diferenciado dos padrões urbanos, com o risco de convertê-la em signo estático de autenticidade regional. Já a Amazônia-ausente emerge nas dimensões não representadas, como condições socioeconômicas, infraestrutura, trabalho, circulação, acesso a serviços e transformações contemporâneas dessas comunidades.

Imagem 3 – Floresta Nacional do Tapajós - Santarém-Pará



Fonte: Câmara, Fernando Sette / Expedição Pará (2022) - Reprodução

A imagem 3, da Floresta Nacional do Tapajós, em Santarém, destaca vegetação, água e uma pequena embarcação, reforçando a Amazônia-naturalizada como principal signo de identificação regional. A floresta, o rio e a canoa sugerem exuberância, preservação e integração entre natureza e experiência humana. A dimensão turística também se evidencia ao apresentar a paisagem como espaço de contemplação. Em contrapartida, conflitos territoriais, atividades econômicas, populações locais, pressões ambientais e contradições sociais permanecem ausentes.

Imagem 4 – Encontro das Águas – Manaus-Amazonas

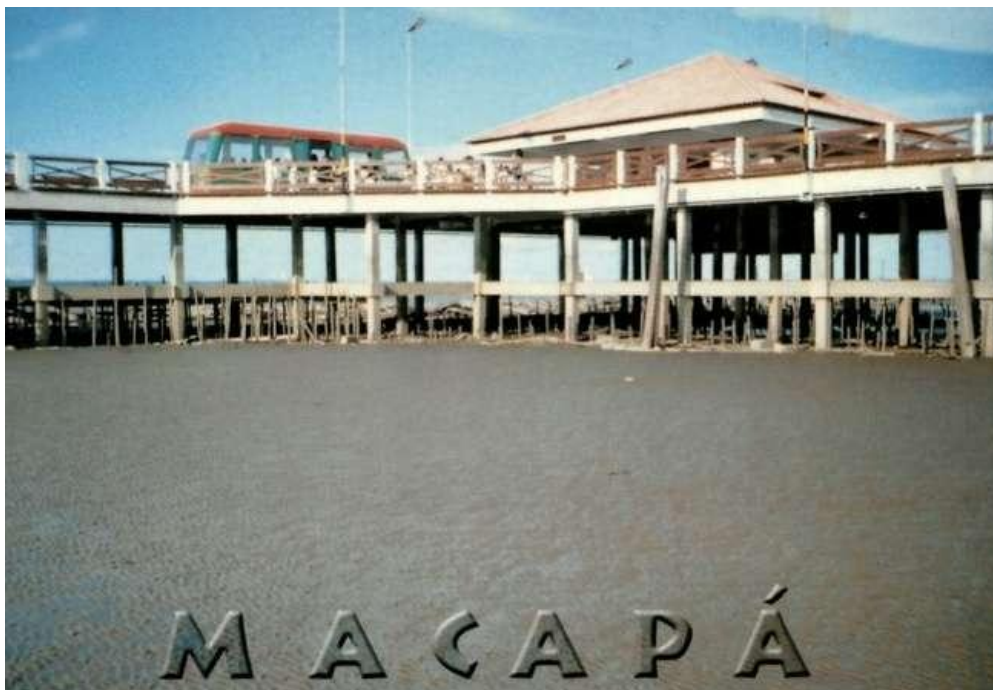


Encontro das Águas
Manaus - Amazonas - Brasil

Fonte: Lopes, Eulalio Noguez / Ref.: AM – M – 100 (2015) - Reprodução

A imagem 4, do Encontro das Águas, em Manaus, destaca a confluência dos rios, reforçando a Amazônia-naturalizada e sua singularidade regional. A atração também mobiliza a Amazônia-monumental/turística, ao transformar o fenômeno geográfico em espetáculo visual e símbolo de Manaus e da região. A Amazônia-ausente aparece na exclusão da complexidade urbana e social, como habitantes, desigualdades, atividades econômicas e transformações territoriais. O postal converte, assim, um fenômeno natural em representação sintética da Amazônia.

Imagem 5 – Vista parcial do Trapiche “Eliezer Levy” – Macapá-Amapá



Fonte: Santiago, Manoel da Silva (Exclusividade) / Macapá-Amapá-Brasil (2004) - Reprodução

A imagem 5 apresenta o Trapiche “Eliezer Levy”, em Macapá, articulando arquitetura, rio e paisagem urbana. Predominam as categorias Amazônia-monumental/turística e Amazônia-naturalizada, ao apresentar o patrimônio como marco urbano integrado à paisagem aquática. O trapiche ultrapassa sua função arquitetônica e atua como símbolo visual de Macapá, constituindo representação metonímica da cidade. A imagem amplia o repertório amazônico ao evidenciar uma dimensão urbana e patrimonial para além da representação florestal. A ausência de sujeitos e práticas sociais limita a presença da Amazônia-exótica, enquanto a Amazônia-ausente manifesta-se na exclusão do cotidiano da população, atividades econômicas, desigualdades e transformações urbanas. O patrimônio selecionado sintetiza, assim, Macapá por meio da monumentalidade, memória e potencial turístico.

Imagem 6 – Postal Histórico – Porto Velho-Rondônia



Fonte: Brascard / Porto Velho-Rondônia-Brasil (1990) – Reprodução

O cartão-postal apresenta elementos emblemáticos da cidade de Porto Velho, destacando as Três Caixas d'Água, conhecidas como “Três Marias”, principal símbolo urbano e visual do município. A composição também evidencia a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, marco histórico associado à formação e ao desenvolvimento da cidade, além de referências à arquitetura histórica, representada por prédios e espaços públicos relacionados ao período áureo do ciclo da borracha.

A imagem 6 reúne referências históricas e urbanas de Porto Velho, como as Três Caixas d'Água (“Três Marias”) e a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, associadas ao período da borracha. A composição mobiliza principalmente a categoria Amazônia-monumental/turística, ao transformar patrimônios e marcos urbanos em símbolos da cidade. A paisagem evidencia uma Amazônia que ultrapassa os signos naturais, incorporando memória, patrimônio, urbanização e história regional. A Amazônia-naturalizada aparece de modo secundário, enquanto a Amazônia-exótica praticamente não se manifesta, dada a ausência de sujeitos e práticas culturais. Já a Amazônia-ausente emerge na seleção de uma cidade histórica e monumental em detrimento de experiências urbanas contemporâneas, desigualdades, periferias e conflitos sociais. O

cartão-postal constrói, assim, uma imagem de Porto Velho ancorada no patrimônio e na memória, convertendo vestígios históricos em signos da identidade urbana e de uma Amazônia marcada pela ocupação e exploração econômica.

Quadro 2 – Síntese da análise das 4 categorias nos cartões-postais

Local	Cat. 1	Cat. 2	Cat. 3	Cat. 4	Síntese
Parque Linear da Doca (Belém)	Presença de elementos paisagísticos e vegetação urbana	Baixa ou ausente	Predominante: espaço urbano, lazer e turismo	Periferias, desigualdades e cotidiano urbano	Amazônia urbana e turística
Comunidade ribeirinha (Belém)	Forte: água, vegetação e ambiente ribeirinho	Presente: modo de vida como autenticidade	Presente: comunidade como experiência visual	Infraestrutura, trabalho, serviços e transformações sociais	Amazônia vivida, ribeirinha e exotizada
Floresta Nacional do Tapajós (Santarém)	Predominante: floresta, água e natureza	Baixa	Presente: floresta como experiência turística	Conflitos, pressões ambientais e diversidade social	Amazônia naturalizada e preservacionista
Encontro das Águas (Manaus)	Predominante: fenômeno natural e rios	Ausente	Forte: atração turística e espetáculo visual	Cidade, população, desigualdades e cotidiano	Amazônia como natureza monumental e turística
Trapiche “Eliezer Levy” (Macapá)	Presente: água e paisagem	Ausente	Predominante: patrimônio e símbolo urbano	Cotidiano, conflitos e transformações urbanas	Amazônia patrimonial, urbana e turística
Vistas de Porto Velho	Secundária	Ausente	Predominante, com patrimônio, memória e história	Dinâmicas sociais contemporâneas e desigualdades	Amazônia histórica, patrimonial e monumental

Fonte: autoria própria, a partir das categorias elencadas para análise

A leitura das seis imagens revela a sobreposição de diferentes regimes de visibilidade. A Amazônia-naturalizada predomina nas representações de Santarém e Manaus, articulando-se às imagens urbanas de Belém e Macapá. A Amazônia-monumental/turística atravessa o *corpus*, valorizando patrimônios e atrações. A Amazônia-exótica concentra-se na comunidade ribeirinha, associada à autenticidade regional. Já a Amazônia-ausente perpassa todas as imagens, silenciando periferias,

desigualdades, conflitos territoriais, problemas de infraestrutura e dimensões científicas, tecnológicas e contemporâneas.

Os cartões-postais analisados representam uma Amazônia real, porém seletivamente enquadrada. Florestas, rios, comunidades, atrações naturais e patrimônios urbanos são convertidos em imagens-síntese que passam a simbolizar uma totalidade regional. Essa construção visual resulta tanto da seleção quanto da exclusão de elementos, configurando um regime de visibilidade que privilegia natureza, patrimônio, monumentalidade, turismo e alteridade, enquanto reduz a diversidade das experiências sociais, urbanas e contemporâneas que constituem as múltiplas Amazônias.

6 QUE AMAZÔNIA OS CARTÕES-POSTAIS MOSTRAM – E O QUE NÃO MOSTRAM?

Os cartões-postais da Amazônia selecionam elementos estéticos e mercadológicos para atender a expectativas de consumo. Ao priorizarem a Amazônia-naturalizada e a Amazônia-monumental/turística, destacam rios, florestas e marcos arquitetônicos urbanos. Cenas de natureza exuberante e patrimônios consolidados constroem uma narrativa visual fundada na exaltação da paisagem, transformando recortes específicos em símbolos metonímicos da totalidade regional.

A Amazônia-exótica apresenta menor expressividade no *corpus*, diante da predominância das categorias Amazônia-monumental/turística e Amazônia-naturalizada. Quando presente, associa povos tradicionais, festividades e práticas culturais às noções de autenticidade, alteridade e pitoresco. Esses enquadramentos ressaltam a singularidade cultural, mas podem estabelecer uma relação contemplativa e distanciada, reduzindo a complexidade das dinâmicas sociais contemporâneas.

Embora a Amazônia-exótica seja secundária ou ausente neste *corpus*, sua presença contribui para compreender os regimes de representação analítica. Quando acionada, pode converter manifestações culturais em signos estetizados para o consumo turístico, valorizando a singularidade regional, mas também fixando sujeitos e práticas em repertórios imagéticos que tendem a simplificar a complexidade social contemporânea.

A análise da Amazônia-ausente evidencia realidades sistematicamente excluídas do enquadramento dos postais. Conflitos agrários, desmatamento, mineração, mudanças climáticas, desigualdades sociais, periferias urbanas e infraestruturas precárias raramente integram esse repertório visual. Tal silêncio revela um regime de visibilidade que privilegia representações estéticas e turísticas, enquanto marginaliza tensões e problemas socioambientais que também constituem o território amazônico.

A exclusão de aspectos cotidianos, como a produção tecnológica, o ambiente acadêmico e as novas sociabilidades da juventude, demonstra como as escolhas de enquadramento moldam os limites do imaginário geográfico. Ao marginalizar as manifestações da vida moderna e multifacetada, os postais perpetuam uma percepção congelada da região.

Assim, entendemos que o contraste entre as presenças e as ausências nos cartões-postais explicita as disputas simbólicas acerca de qual Amazônia deve se tornar visível. Se por um lado o cartão-postal documenta paisagens e patrimônios efetivamente existentes, por outro estabelece barreiras rígidas em relação aos dilemas e às transformações contemporâneas da região. A compreensão desse mecanismo de visibilidade e silenciamento é essencial para tensionar as imagens-síntese dominantes. Problematicar o que fica fora da margem da fotografia permite reconhecer a existência das múltiplas Amazônias que excedem os limites estreitos do enquadramento postal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre os cartões-postais da Amazônia evidencia que esses objetos atuam como documentos visuais e dispositivos comunicacionais, produzindo e circulando sentidos sobre o território. Ao selecionar natureza, arquitetura, cultura e sujeitos locais, os postais constroem narrativas segundo convenções específicas. Essa seleção não é neutra: determina quais fragmentos adquirem legitimidade para representar a região, transformando experiências particulares em símbolos estabilizados e contribuindo para a construção e reprodução de imaginários sobre a Amazônia.

Os cartões-postais amazônicos não inventam seus referentes, mas selecionam paisagens e elementos efetivamente existentes. O problema reside na pretensão de

totalidade desses fragmentos, que, ao converter rios, florestas, mercados e manifestações culturais em sínteses identitárias, podem ocultar a heterogeneidade, as dinâmicas urbanas e as contradições socioeconômicas da região. Assim, o postal não espelha passivamente o real: organiza-o esteticamente, estabelecendo um regime de visibilidade no qual o detalhe selecionado passa a representar o todo.

A reiteração de repertórios visuais restritos contribui para fixar imaginários sociais sobre a Amazônia. A repetição de enquadramentos naturaliza a associação entre determinados signos e a identidade regional, condicionando expectativas de consumo visual e cultural. Como consequência, paisagens e experiências que escapam a esses padrões tendem a perder visibilidade nos circuitos formais de reconhecimento, apesar de integrarem o cotidiano amazônico.

A análise do invisível, ou Amazônia-ausente, é tão necessária quanto a dos elementos visíveis. A omissão de desmatamento, mineração, conflitos agrários, precarização urbana e avanços científicos não decorre apenas das limitações do suporte, mas do regime de representação. Ao operar por inclusão e exclusão, o postal comercial silencia tensões e desigualdades para construir uma narrativa pacificada e atrativa do destino. Evidenciar esses silenciamentos permite problematizar os limites do visível e do marginalizado na memória social (Le Goff, 1990).

A transição dos suportes analógicos para as mídias digitais e redes sociais reconfigura a produção e circulação das imagens da Amazônia, sem eliminar processos de seleção, enquadramento e disputa simbólica. Se o postal tradicional concentrava a produção em agentes institucionais e turísticos, as plataformas digitais ampliam a circulação e as possibilidades de autorrepresentação, diversificando os sujeitos envolvidos na construção das narrativas sobre o território amazônico.

Nesse processo de transição, a experiência da COP30 em Belém evidencia a articulação entre diferentes regimes de produção e circulação da imagem. As representações materializadas nos cartões-postais físicos, especialmente aquelas associadas à cidade e aos espaços mobilizados pelo evento, passam a coexistir com sua ampla repercussão nas redes sociais, nos meios digitais e na comunicação institucional. A descentralização da produção imagética não implica, necessariamente, uma democratização plena dos sentidos atribuídos ao território.

Nesse cenário, a passagem do cartão-postal às plataformas digitais deve ser compreendida menos como uma ruptura e mais como uma reconfiguração das formas de produção, circulação e legitimação das imagens amazônicas. Permanecem em disputa os enquadramentos, os silenciamentos e as visibilidades que historicamente participaram da construção simbólica da região, ainda que operem, na contemporaneidade, por meio de dispositivos, atores e circuitos comunicacionais distintos.

Por fim, a principal contribuição deste estudo reside em tensionar a ideia de uma Amazônia monolítica por meio da crítica aos seus regimes de representação. Compreender o cartão-postal como produção de sentido, e não como mero reflexo neutro, permite desnaturalizar as imagens-síntese que historicamente condicionaram a percepção sobre a região. Reconhecer a parcialidade de cada enquadramento não significa invalidar os registros existentes, mas exigir a ampliação do campo visual para dar passagem às múltiplas Amazônias que coexistem para além das margens do papel fotográfico.

REFERÊNCIAS

- AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia: o marketing da floresta**. Curitiba: CRV, 2016.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BECKER, Bertha. Geopolítica da Amazônia. **Revista Estudos Avançados**, nº 19 (53). IEA: USP, 2005. Pp. 71-86. Disponível em: www.scielo.br/j/ea/a/54s4tSXRLqzF3Kgb7qRTWdg/. Acesso em: 20 abr.2026.
- CORAZZA, Gentil. **O cartão postal: pequenas histórias de uma longa viagem**. São Luís: Terra Cultural, 2015.
- DALTOZO, José Carlos. **Cartão-postal, arte e magia**. Presidente Prudente: Gráfica Cipola, 2006.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Aparato, 2016.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 10. reimpr. Campinas: Papirus, 2023.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LYCARIÃO, Diógenes; ROQUE, Robson; COSTA, Débora. Revisão Sistemática de Literatura e Análise de Conteúdo na Área da Comunicação e Informação: o problema da confiabilidade e como resolvê-lo. **Transinformação**, 35, 2023.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARQUES, Rodolfo Silva; SANTOS, Luiz LZ Cezar Silva dos. Narrativas, imagens e significados: o estudo dos cartões-postais e a Amazônia. In: COSTA, Alda Cristina *et al.* (org.). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Amazônia(s)**. 1. ed. São Luís: Vert, 2024. E-book.

MARQUES, Rodolfo Silva; SANTOS, Luiz LZ Cezar Silva dos. Cartões-postais da Amazônia: narrativas imagéticas de pertencimento, representação e memória cultural. In: COSTA, Alda Cristina; OLIVEIRA, Ivana Guimarães; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Maria Torres; SEREJO-SANTOS, Hericley; SILVA, Leonardo de Souza; KABUENGE, Nathan Nguangu (org.). **Narraamazônia 10 anos: por entre narrativas que nos conectam**. Belém: Editora UNAMA, 2025. p. 117-133.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/items/da1b7786-d80f-4335-84e4-2a4f393b4d22>. Acesso em: 4 mai. 2026.

SÁ, Samuel Maria de Amorim. O imaginário social sobre a Amazônia: antropologia dos conhecedores. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, supl., p. 889-900, set. 2000. Disponível em: www.scielo.br/j/hcsm/a/pSN4CXVtCL5Rgky9ghpsyqz/. Acesso em: 22 ago. 2026.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOBRE O AUTOR

Rodolfo Silva Marques

Professor-Adjunto/Professor-Doutor da UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA (UNAMA). Estou vinculado à instituição desde 2007. Ministro aulas na Graduação dos Cursos Criativos (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Design) e em outros cursos, como Relações Internacionais e Marketing. Ministro aulas na pós-graduação lato sensu, presencial e com aulas online. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Doutorando em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFPA.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7865990074375419>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>

E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com

SOBRE O AUTOR

Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

Pós-Doutor em Comunicação e Consumo pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do curso de Publicidade e Propaganda da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. Participante do Grupo de Pesquisa Narraamazônia. Líder do Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade - Grupp.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2449524316115443>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0614-3857>

E-mail: lzcezar@ufpa.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

MARQUES, Rodolfo Silva; SANTOS, Luiz LZ Cezar Silva dos. Qual Amazônia cabe em um cartão-postal? Representações, imaginários e regimes de visibilidade da Amazônia. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 17, n. especial, p. e97610, 2026.

RECEBIDO EM: 25/05/2026

ACEITO EM: 25/08/2026

PUBLICADO EM: 23/09/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional